

CATEGORIA 04. MOTIVAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL

FAÇA O QUE EU DIGO, NÃO FAÇA O QUE EU FAÇO: A DISTÂNCIA ENTRE O DIZER E O FAZER

Hipocrisia, fraqueza e privilégio, três distâncias muito diferentes que o jargão popular confunde numa só

Ainor Francisco Lotério

Engenheiro Agrônomo, Filósofo, Teólogo, Mestre em Gestão de Políticas Públicas, Palestrante e Diácono Permanente.
Criador da Agrosófia.

UM JARGÃO DE ORIGEM ILUSTRE

Poucas pessoas sabem que o ditado tem origem no Evangelho. Ao falar dos escribas e fariseus, Jesus recomendou que se fizesse o que eles ensinavam, mas não o que eles praticavam, porque diziam e não faziam (Mt 23,2-3). A sentença popular nasceu, portanto, de uma advertência muito precisa: a cadeira pode ser legítima mesmo quando quem a ocupa não é.

Com o tempo o ditado inverteu de dono. Deixou de ser crítica de quem observa e virou desculpa de quem é observado. Hoje ele costuma sair da boca do próprio faltoso, meio de brincadeira, como quem pede licença antecipada para a própria incoerência. E aí ele deixa de instruir e passa a proteger.

TRÊS DISTÂNCIAS QUE NÃO SÃO A MESMA COISA

O erro mais comum é tratar toda distância entre o dizer e o fazer como hipocrisia. São três coisas diferentes, e confundi-las produz julgamento injusto de um lado e complacência indevida do outro.

A primeira é a fraqueza. A pessoa acredita no que diz, quer cumprir e não consegue. Aristóteles já havia nomeado essa condição, o conhecimento do bem sem a força para segui-lo. São Paulo confessou o mesmo em uma das frases mais humanas da Escritura, ao reconhecer que não fazia o bem que queria e fazia o mal que não queria (Rm 7,19). Isso não é farsa. É a condição de qualquer um de nós em algum ponto da vida.

A segunda é a hipocrisia propriamente dita. Aqui a pessoa não pretende cumprir, nunca pretendeu, e usa o discurso como fachada para colher o crédito da virtude sem pagar o preço dela. É o dirigente que prega transparência e esconde números, sabendo que esconde.

A terceira é o privilégio, e essa é a mais corrosiva de todas. Não se trata de fraqueza nem de fingimento, trata-se de assimetria assumida: a regra vale para os outros e não vale para mim, porque eu mando. Austeridade para a equipe e regalia para a cúpula. Nesse caso já não há conselho, há dominação.

Fraqueza pede compreensão. Hipocrisia pede correção. Privilégio pede resistência.

O QUE O JARGÃO TEM DE VERDADEIRO

Há um ponto em que o ditado está logicamente certo, e vale defendê-lo. O valor de um conselho não depende da conduta de quem o dá. Os lógicos chamam de falácia a manobra de invalidar um argumento atacando quem o formula. Se o médico fumante diz que o cigarro mata, ele continua dizendo a verdade. Se o pai que bebeu a vida inteira pede ao filho que não beba, ele está oferecendo a verdade mais cara que existe, comprada com a própria ruína.

Nessa forma, o jargão é até humilde. Quem diz não faça o que eu faço está reconhecendo publicamente a própria derrota e pedindo que ela não se repita no outro. Isso não é hipocrisia, é advertência de veterano. Muita gente boa foi salva por um conselho dado por alguém que não conseguiu se salvar.

O QUE ELE TEM DE INSUSTENTÁVEL

O problema é que verdade e autoridade são coisas distintas. A distância entre o dizer e o fazer não torna o conselho falso, mas destrói o crédito de quem o oferece. E conselho sem crédito não é ouvido, por mais correto que seja.

A incoerência não torna o conselho falso. Torna o conselheiro sem crédito.

Os estudos sobre aprendizagem confirmam o que qualquer mãe sabe. A criança aprende muito mais por observação do que por instrução. Ela copia o que vê, não o que ouve. Uma casa que prega honestidade e combina pequenas espertezas ao jantar está ensinando esperteza com aula prática e honestidade com aula teórica. Sabemos qual das duas fixa.

Em cooperativas e empresas o mecanismo é idêntico. Nenhuma cartilha de valores resiste ao primeiro gerente que a viola sem consequência. A partir daquele dia o documento vira letra morta e todos entendem qual é a regra verdadeira, que é sempre a praticada e nunca a impressa.

O CRITÉRIO QUE SEPARA O ADMISSÍVEL DO INTOLERÁVEL

Proponho um critério de discernimento simples, que vale para o líder, para o pai e para quem sobe ao palco. A pergunta não é se existe distância, porque existe em todos nós. A pergunta é o que a pessoa faz com a própria distância.

Quem reconhece a distância e luta para reduzi-la está em caminho de virtude, e educa mesmo falhando, porque ensina que o ideal é para ser perseguido. Quem esconde a distância e finge não tê-la engana. Quem exhibe a distância como direito adquirido corrompe a instituição inteira, porque instala duas classes de pessoas onde deveria haver uma só regra.

Daí a diferença entre duas frases quase iguais. Não faça como eu faço porque eu estou errado educa. Não faça como eu faço porque a mim é permitido corrompe.

A LEITURA AGROSÓFICA

O agrônomo que recomenda calagem e não corrige a própria terra continua tecnicamente certo sobre a calagem. O solo dele não desmente a análise. Mas ele perderá os produtores, porque na lavoura ninguém segue quem não mostra lavoura. A recomendação sobrevive, o recomendador não.

É por isso que na vida rural a autoridade sempre foi visual. O respeito não vem do diploma pendurado, vem da cerca em pé, da lavoura limpa, do gado bem tratado, da palavra empenhada e cumprida em anos de negócio. Quem quiser ensinar precisa mostrar o talhão, e não apenas a placa.

Discurso é placa. Exemplo é lavoura. Ninguém se alimenta de placa.

APLICAÇÃO PRÁTICA

Onde aplicar	O critério
Na família	Se não consegue cumprir, admita diante do filho em vez de disfarçar. Pai que reconhece a própria falha ensina duas vezes, pelo conselho e pela honestidade.
Na liderança	Antes de cobrar a regra, verifique se ela vale para você em público e em particular. Exceção de chefe é a forma mais rápida de matar um código de conduta.
Na cooperativa	Compare o estatuto com a prática da diretoria. Onde as duas coisas divergem, o associado já percebeu, mesmo que ninguém tenha dito nada em assembleia.
Na gestão pública	Austeridade pregada e privilégio mantido é a raiz da descrença cívica. Aqui a distância não é fraqueza pessoal, é dano institucional.
Ao ouvir conselho	Separe o conselho do conselheiro. A advertência de quem se perdeu pode ser exatamente a que salva você.
Em si mesmo	Escolha um ponto em que você sabe que fala mais do que faz e reduza a distância neste mês. Um ponto por vez basta para mudar uma vida.

CONCLUSÃO

O ditado sobreviveu séculos porque descreve algo real. Ninguém alcança inteiramente aquilo que prega, e quem afirma o contrário está mentindo em outro ponto. A questão nunca foi eliminar a distância, e sim administrá-la com honestidade.

Três deveres decorrem disso. Reduzir a distância, que é trabalho de uma vida inteira. Confessar a distância quando ela existir, porque a confissão preserva o conselho e devolve credibilidade a quem erra. E jamais transformar a distância em privilégio, porque aí ela deixa de ser fragilidade humana e vira injustiça organizada.

No fim, o critério é sempre o mesmo da lavoura. O discurso anuncia a safra, o comportamento a entrega e o tempo faz a conferência. Quem fala muito e colhe pouco não precisa ser desmascarado por ninguém. A própria terra se encarrega disso, ano após ano, diante de todos.

TEXTOS CORRELATOS NO PORTAL: AS PALAVRAS SÃO PERFORMANCE E O COMPORTAMENTO É CONFISSÃO?, NÃO VEJO AS PESSOAS COMO BOAS OU MÁS. VEJO-AS COMO PREVISÍVEIS., O TEATRO DE TODOS OS DIAS: A MÁSCARA QUE PROTEGE E A MÁSCARA QUE ESTRANGULA e O QUE SE PENSA E O QUE SE É: a discrição como método. Disponíveis em www.loterio.com.br.

PARA PALESTRAS E CURSOS: este tema e os demais eixos de trabalho, motivação, cooperativismo, comunicação, longevidade e Agrosófia, podem ser levados à sua cooperativa, empresa, escola, paróquia ou evento. WhatsApp (47) 99967-5010. E mail: ainorfloterio@gmail.com e contato@ainor.com.br.